

Ferenczi pensa a dor da formação¹

Maria Nilza Mendes Campos,² Brasília

Resumo: Este artigo baseia-se na experiência pessoal da autora para situar a repercussão de Ferenczi nos institutos de psicanálise. Ressalta a prevalência que o autor húngaro concedeu à análise pessoal do analista. Ela também propõe o trabalho em grupo, com colegas em associações como favorecedor de um quarto eixo potencial para a formação.

Palavras-chave: formação analítica, autoritarismo, quarto eixo, ética do analista

*Tudo nos falta quando
faltamos a nós mesmos.*

(Goethe, 1774/2014)

Para iniciar, gostaria de relatar um pequeno acontecimento pessoal que ilustra algumas das questões que pretendo abordar neste texto. Durante um seminário sobre a obra de Ferenczi na Sociedade de Psicanálise de Brasília, ao introduzir o autor no programa de formação, uma colega fez uma pergunta intrigante ao final do encontro. Ela queria saber como eu tinha conhecimento sobre Ferenczi, considerando que a Sociedade não havia apresentado o autor ao longo da formação teórica e ele não “circulava” entre os membros da Sociedade.

1 Dedico este trabalho a Fernando Rocha.

Agradeço as colegas Cláudia Bernardes, Cristina Modrach, Denise Salomão Goldfajn, Maria do Carmo Palhares e Maria Elisa Alvarenga, pela companhia nessa travessia com Ferenczi nos Institutos da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e pelas trocas na construção deste artigo.

2 Psicanalista. Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB) e do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi.

O episódio apresenta, de distintas maneiras, a questão de Ferenczi e a formação analítica, bem como as questões relacionadas, o ensino e a transmissão da psicanálise.

Ferenczi é um autor que nos últimos anos tem recuperado seu legítimo lugar junto à psicanálise e adentrado os institutos de psicanálise, nos quais encontra muita receptividade, após anos de ostracismo em torno de sua obra. Como cheguei a ele, se não havia sido apresentado durante minha formação no Instituto?

O autor ficou silenciado ao longo de 50 anos após sua morte, até que nos últimos anos, desde meados dos anos 1980 com a publicação da correspondência Freud-Ferenczi e do *Diário clínico*, sua contribuição ficou acessível e pode ser apreciada integralmente. Ferenczi pôde ser reconhecido por sua criatividade clínica e teórica, constituindo-se como um verdadeiro “ponto cego” da psicanálise (Palhares, 2023). Ele mesmo foi vítima do que sempre lhe causou interesse: os jogos de poder presentes nas relações.

No que diz respeito à questão da transmissão e do ensino na formação, e seu alcance, como devemos percorrer uma formação teórica e clínica com a devida autonomia, indo além daquilo que nos é apresentado, e construir um caminho singular, no qual, com base em nossas escolhas e identificações teóricas, elegemos os autores e suas ideias que trazem sentido para nossas experiências subjetivas, bem como para nossa prática clínica, tecendo uma trajetória própria e particular.

Segundo Moreau Ricaud (2004), parafraseando Ernst Jones, que disse “a psicanálise é Freud”, “a formação é Ferenczi”. Foi a Ferenczi que Freud confiou as questões de teoria, técnica e, sobretudo, a questão da formação, reconhecendo sua inventividade, como “promovedor de jovens talentos” e a fazer de “todos os analistas seus alunos”, valendo por uma sociedade inteira (Freud, 1923/1976).

Em 1910, Freud, preocupado em garantir “o desenvolvimento da psicanálise preservando a sua especificidade – suas descobertas, sua linguagem, seu método de investigação – dos abusos da popularidade” (Kupermann, 1996, p. 20), imaginou a criação da Associação Psicanalítica Internacional. Coube a Ferenczi elaborar e propor, durante

o 2º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Nuremberg, em 1910, o projeto da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Na conferência intitulada “A história do movimento psicanalítico” (1914/1974), Freud defendeu a ideia de agrupar os que verdadeiramente praticavam a psicanálise, assinalando o risco dos frequentes desvios que poderiam se desenvolver em associações. A IPA teria como objetivo ser uma instância que regularizasse as atividades psicanalíticas para protegê-la de desvirtuamentos, bem como atravessar fronteiras, de maneira a se difundir internacionalmente.

Ao fazer uma análise das patologias das associações, que diz conhecer bem, Ferenczi antes de propor o modelo de funcionamento da Associação, reconhece que, “com frequência nos agrupamentos políticos, sociais e científicos reina a megalomania pueril, a vaidade, o respeito a fórmulas ocultas, a obediência cega, o interesse pessoal, em vez de um trabalho consciencioso, dedicado ao bem comum” (1911/2011g, p. 171).

Segundo Ferenczi:

Essa associação deve ser uma família em que o pai não detém uma autoridade dogmática, mas somente aquela que suas capacidades e seus atos lhe conferem; em que suas declarações não sejam cegamente respeitadas, à semelhança de decretos divinos, mas submetidas, como todo o resto, a uma crítica minuciosa em que ele próprio receba a crítica sem ridículas susceptibilidades e vaidade, qual um pater famílias, um presidente de associação dos nossos dias. (1911/2011g, pp. 172-173)

Nesse sentido, vemos o movimento do autor húngaro em direção a algo que ultrapasse os consultórios, atribuindo um valor aos laços constituídos entre pares que se identificam entre si, na direção de um interesse comunitário e na vida social, bem como indicando a necessidade de emancipação de uma “autoridade dogmática”.

Freud (1923/1976), em um artigo escrito em homenagem ao 50º aniversário de Ferenczi, destaca esse seu lugar de fratria, de horizontalidade, atribuindo ao fato de Ferenczi ser o irmão do meio: “tendo lutado

contra ‘um poderoso complexo fraterno’, tornou-se, sob a influência da análise, um irmão mais velho irrepreensível” (p. 334).

Freud convidou Ferenczi a apresentar um trabalho no Congresso de Psicanálise e, assim, ele escreveu o artigo “Pedagogia e psicanálise” (1908/2011d). Nele, indicou os riscos que rondam a educação e a psicanálise, e o impacto de uma educação rigorosa e autoritária, que carrega um forte potencial traumático sobre o psiquismo das crianças. A demanda de adaptação imposta a elas traria o risco de prejuízos para sua constituição subjetiva. A saúde de uma sociedade estaria na responsabilidade dos cuidadores das crianças que não devem exercer com rigor suas funções, e sim, estimular a autonomia e liberdade.

A preocupação com a instalação e o exercício do poder nas relações, acompanhará toda sua obra. No seu último artigo “Confusão de línguas entre os adultos e a criança” (1933/2011b), irá apresentar sua teoria do trauma e os efeitos que uma relação assimétrica violenta pode produzir no psiquismo da criança, numa constante preocupação em relação ao posicionamento ético do psicanalista.

Lançando mão do conceito de “identificação com o agressor”, destaca o aspecto opressivo do amor que a criança poderia experimentar em sua relação com o adulto, acentuando que não só os pais, mas também os analistas, deveriam reconhecer a submissão por trás do amor de transferência, bem como o desejo de libertação desse “amor opressivo” (1933/2011b, p. 119).

O autor aproxima essa situação com as vivências que poderiam ser experimentadas na relação do paciente com o analista. Assim, a submissão seria uma forma de preservar o analista, mantendo inalterado o objeto idealizado, tal qual a criança faria em relação ao agressor.

Constatamos, também, que sua aposta na construção de uma sociedade autônoma, baseada na liberdade individual e na igualdade social, na qual os sujeitos pudessem exercer seus direitos sem estarem submetidos à força, está presente bem antes de seu engajamento com a psicanálise. Os textos pré-psicanalíticos de Ferenczi representam a história da construção de seu pensamento, neles podemos reconhecer sua preocupação com os excluídos e marginalizados da sociedade, sempre

comprometido e em busca de reduzir o sofrimento humano, minimizando suas desigualdades.

A tentativa de diminuir a distância entre as diversidades, se faz notar, ainda, no seu interesse pelo cuidado, sua preocupação terapêutica por pacientes narcísicos ou psicóticos, que o levavam a inventar técnicas para ir aos seus encontros, notabilizando-se como o analista dos “casos difíceis”. Ele tenta, modifica, mas permanece sempre atento para manter o fio condutor do elo terapêutico. Entende que tratar e tentar se adaptar ao paciente andam de mãos dadas. Escreve: “Pensei que enquanto o paciente continuasse a vir, o fio da esperança não se romperia” (Ferenczi, 1931/2011a, p. 81). Assim, seguiu desenvolvendo um método analítico original por meio de sua pesquisa técnica, equilibrando o exercício de autonomia, não isento de tensões, entre a lealdade a Freud e a si mesmo.

Em sua trajetória as questões da formação analítica e do autoritarismo, que, para Ferenczi, era marcado pela verticalidade nas relações de poder, em que o analista se mostra hipócrita, sem se afetar pelo paciente ou pela criança no paciente, estarão sempre entrelaçadas, e serão balizas para as mudanças de técnicas que acompanharão seu pensamento: técnica ativa, elasticidade da técnica, técnica do relaxamento e teoria do trauma. Ele sempre foi um crítico do dispositivo analítico, denunciando o conforto dos analistas, sua hipocrisia profissional, a artificialidade que a neutralidade e assepsia do psicanalista produzem nas análises: “a hipocrisia é a consequência da covardia daqueles que dão o tom” (Ferenczi, 1932/1990, p. 191), indica, assim, como o analista pode se prevalecer da assimetria entre posições para se defender de um lugar de poder. Denunciou, ainda, os analistas que estimulavam a submissão, seja nas relações analíticas, seja nas instituições psicanalíticas.

É importante destacar que Ferenczi se apresentava não só como um formador para os membros da associação psicanalítica, mas também para toda a comunidade analítica. Sua preocupação com a difusão da psicanálise ia além de sua teoria, criando uma atmosfera cultural psicanalítica em Budapeste que atraiu várias pessoas, até mesmo intelectuais interessados e artistas de vanguarda do país, envolvidos com a psicanálise e estabelecendo conexões entre o mundo analítico e o universo cultural.

Essa perspectiva pode ser observada na própria constituição de membros da Escola de Budapeste, fundada em 1913, com Ferenczi como presidente, que contava com a presença de diferentes intelectuais, expandindo a psicanálise para distintos meios, com ousadia em suas investigações e campos de aplicação, e na produção de trabalhos pessoais e originais. Assim como Freud, Ferenczi sempre defendeu a mais ampla cultura geral para o analista, incluindo literatura, história, mitologia, religião e psiquiatria, como parte de seu acervo pessoal.

O reconhecimento da psicanálise na sociedade de Budapeste ficou explícito no Congresso de Budapeste, de 1918, logo após o final da Grande Guerra, no qual vários políticos e intelectuais compareceram, atestando seu vigor. Esse prestígio criará condições para que ocorra uma inserção significativa da psicanálise na Universidade que, pela primeira vez, irá entrar no âmbito acadêmico, e Ferenczi se torna o primeiro psicanalista detentor de uma cátedra universitária na faculdade de medicina.

A despeito da importância da Escola de Budapeste, Ferenczi não criou uma escola, sendo fiel à sua crítica aos dogmatismos. Luís Claudio Figueiredo destaca que

nada menos ferencziano, por exemplo, que fazer do chamado “processo formativo” uma ocasião de doutrinação – isto é, formatação doutrinária –, mesmo que esta fosse uma doutrinação pretensamente ferencziana. Da mesma forma, uniformizar os “formandos” fazendo-os vestir uma mesma camisa – ainda que essas camisas trouxessem impresso o nome FERENCZI em letras maiúsculas – seria um completo desserviço à psicanálise, especialmente a uma psicanálise praticada sob sua inspiração. (2021, p. 29)

Mas, de onde vêm os analistas? Eles vêm de suas análises!

Ferenczi trazia como preocupação que a experiência psicanalítica se transformasse numa experiência pedagógica, desafetada, na qual as figuras do analista e do analisando se tornassem próximas às figuras do professor e do aluno, ou do mestre e do discípulo.

Daí, para Ferenczi, a possibilidade de escapar dessa cilada seria dar ênfase à formação que recairia sobre a análise do analista. Em suas

incursões teórico-clínicas, Ferenczi sempre considerou o ofício do analista, tendo em perspectiva o estabelecimento de uma relação de poder e como isso afetaria o paciente. A meta da análise seria oferecer ao paciente uma existência mais autônoma, de maneira a buscar sua autenticidade.

Essa é também a compreensão de Thomas Ogden, quando se dispõe a tratar de como nos tornamos psicanalistas. Afirma que “o analista que você se torna é você mesmo e mais ninguém; é necessário respeitar a singularidade da própria personalidade” (2023, p. 127), sendo uma das qualidades mais importantes, a maneira pela qual o analista usa o que é “singular e idiossincrático na sua personalidade” (2023, p. 143). Acrescenta que precisamos construir um “significado simbólico pessoal, assim tornando-nos nós próprios” (2023, p. 143), o que passaria por nosso crescimento psíquico, advindo de nossas análises pessoais, que deveriam nos permitir desenvolver nossa própria voz. Para o autor, existe uma tensão no processo de nos tornarmos analistas, uma vez que “devemos ‘idealizar’ uma maneira autêntica de falar que envolva nos desvencilharmos de nossos analistas, bem como de supervisores e professores do passado e escritos que admiramos; ao mesmo tempo em que também nos inspiramos no que aprendemos como eles” (2023, p. 132).

Em 1928, Ferenczi escreve “A elasticidade da técnica psicanalítica” (1928/2011c), artigo que introduz uma virada em seu pensamento, apontando para a direção de uma certa emancipação de Freud. Nele, mantendo-se preocupado com a condição opressiva que uma análise pode instalar no paciente, introduz uma nova sensibilidade clínica, trazendo um giro no posicionamento do analista, invertendo o paradigma até então vigente na psicanálise, em que o analista deveria se ajustar às necessidades do paciente, introduzindo o “tato psicológico”, que permite como e sob que forma se deve comunicar algo ao analisando, de maneira que ele possa receber sem invasão ou violência e, assim, com cada paciente se daria uma conversa particular, advinda do encontro dessas duas subjetividades. O analista deveria cuidar para não dar livre curso a seu narcisismo, com severa vigilância, e a postura fria e distante não poderia ser o padrão da posição do analista. Ferenczi também

expôs seu desejo de que “quem quer analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado” (1928/2011c, p. 31).

No mesmo ano, Ferenczi publica “O processo da formação psicanalítica” (1928/2011e), primeiro texto psicanalítico que tratava exclusivamente da questão da formação, extraído de um ciclo de conferências realizadas em Madrid. Inicia sua exposição indagando “Como se pode estudar psicanálise?”. Quem pode aspirar ao título de psicanalista, capaz de compreender os problemas e os conflitos do psiquismo, até em suas camadas mais profundas, e encontrar uma solução prática para as dificuldades da vida psíquica patológica ou normal?

Ferenczi tratará do tripé da formação analítica – análise pessoal, supervisão e estudo teórico – dando especial destaque para a análise pessoal do analista como a primeira base para o tripé. Propõe que esta seja a segunda regra fundamental da psicanálise, vindo em seguida da associação livre do analisando (1928/2011c, p. 31).

Destacou que, diferentemente de outros campos do saber, a psicanálise não pode ser aprendida nos livros, em cursos e seminários universitários. É necessário vivenciar a experiência com seu próprio inconsciente, após ter atravessado seu próprio processo de análise. A experiência com seu próprio inconsciente, ou seja, a análise pessoal, vindo em seguida, a formação teórica e prática.

a experiência psicanalítica mostra que, para praticar o ofício de psicanalista, não basta estabelecer uma relação lógica entre conhecimentos e os dados experimentais; é indispensável, além disso, efetuar um estudo profundo da nossa própria personalidade e uma observação rigorosa das nossas moções psíquicas e afetivas. (Ferenczi, 1928/2011c, p. 238)

No artigo “O problema do fim da análise” (1927/2011e), Ferenczi também já havia se debruçado sobre a importância da análise do analista em formação, apresentando sua preocupação com as análises didáticas proposta pela IPA, ressaltando ser insuficiente que o pretendente a analista tivesse conhecimento durante um ano, por exemplo, com os principais mecanismos: uma análise supostamente didática e, assim,

Ferenczi se afasta progressivamente e torna-se mais questionador dos princípios que norteavam a formação em psicanálise.

Vemos que Ferenczi é o primeiro freudiano a fazer uma crítica radical à atitude e à técnica dos analistas de seu tempo. Ele percebia que, com conhecimento intelectualizado, sem falhas, o analista aprisionaria os pacientes em uma teoria e técnica imutáveis, tornando a situação analítica traumática. Ao estimular uma transferência repetitiva que, sobretudo, não pode ser elaborada, o analista buscava conforto defensivo para si mesmo. Essa dinâmica reproduziria a primeira violência traumática da infância no próprio tratamento, o que tornaria a análise iatrogênica. Ele defendia que o analista não deveria ocupar um lugar em que um suposto saber se projetasse na relação transferencial. Em vez disso, o analista deveria se recusar a buscar esse lugar de autoridade e construir relações exclusivas com o paciente, constituindo um campo particular.

Mas Ferenczi, que “inventou” a didática, logo a criticará dizendo que não há diferença entre análise terapêutica e análise didática. Escreveu em seu *Diário clínico*: “Nenhuma análise didática especial!” (1932/1990, p. 154). Deve ser um verdadeiro “experimento” e seu desejo é de que os analistas [sejam] melhor analisados do que seus pacientes e não pior.

Até o final de sua vida, testemunhamos, em seu *Diário clínico*, que se estendeu aos anos de 1932 e 1933, Ferenczi oferecendo críticas ao modo de transmissão teórica e prática de Freud a seus discípulos e aos limites da teoria freudiana. A divergência diz respeito, entre outras coisas, à questão do lugar da análise, do cuidado psíquico diante da intelectualização em curso no meio psicanalítico e pela qual a transmissão freudiana seria parcialmente responsável.

Kupermann, em *Transferências cruzadas* (1996), analisa os efeitos produzidos pela transferência a Freud, e as transferências de Freud, no processo de institucionalização da psicanálise. Salienta o fato de que a promessa implícita num modelo de formação, representada por lugares definidos e respostas asseguradas, geram um projeto de formação alienante, no qual a transferência aos demais está ancorada em relações de poder, gerando uma tensão permanente entre os pares. Acrescenta

que esse modelo impede inovações e criatividade, especialmente, aos membros em formação, e vemos repetir e replicar funcionamentos psíquicos hierárquicos.

No artigo “Um quarto eixo potencial para a instituição” (Campos, 2009) propus que o engajamento na vida institucional, seja o caminho para que possamos construir lugares particulares, falar em nome próprio, propor atividades e, assim, construir um sentimento de pertencimento, o que vai em direção de uma autonomia de percurso e liberdade individual, como proposto por Ferenczi.

O engajamento institucional, a vida entre pares, pode introduzir novas condições ao modelo hierárquico, e o impacto transferencial das análises didáticas, que pode encarnar o pai da horda primitiva, eliminando as diferenças, favorecendo a submissão ao invocar a fidelidade ao mestre, e inscrevendo o analista em um sistema de filiação que pode tirar do analisando/analista em formação a liberdade de falar e de pensar em nome próprio e construir uma identidade. Nesse caso, a formação poderia constituir-se numa reprodução sustentada pela identificação, afastando-se do que, a priori, entendemos como psicanálise, que é a constituição de uma produção singular e não a repetição de um saber.

A possibilidade de convivência com as diferenças pode ser geradora da criação de uma instituição mais fraterna e democrática, capaz de constituir espaços mais produtivos e criativos, uma verdadeira “comunidade de destino” (1932/1990, p. 91). À medida que podemos nos apropriar dessa condição, a instituição deixa de ser um lugar de respostas asseguradas, passando a privilegiar uma formação permanente, apoiando-se em trajetórias originais, dando a cada um a responsabilidade por sua formação e a responsabilidade pela construção de seu lugar de analista.

Essa prevalência do funcionamento institucional na formação analítica será tratada por Soroka (2001), que aponta a criação do Comitê Secreto de Freud como o berço de atitudes geradoras de ambições e competição, que até hoje acompanham a psicanálise. Para o autor, a verticalidade própria da formação nas sociedades ensejaria a reconstrução

do mito totêmico, reproduzindo a horda primitiva indiferenciada, na qual o pai, representante máximo da potência sobre os filhos, exerce seu total controle. E assim, o desejo de onipotência de uns se associaria à demanda de proteção de outros, esterilizando “o potencial criativo, aprisionando o pensamento científico, levando a uma pseudo-identidade do analista” (Soroka, 2001, p. 1076).

A instituição psicanalítica seria o lugar onde, por excelência, deveríamos construir a possibilidade de falar em nome próprio, isso implica necessariamente em esbarrarmos no encontro com a diferença, com o outro, com suas transferências, suas experiências distintas e posições contrárias à nossa. É na convivência institucional que se estabelecem as relações sociais, as trocas, a interação e o reconhecimento entre pares, favorecendo a sustentação da identidade de cada um e do grupo, tão necessários pela possibilidade de nos tirar do isolamento a que nos impõe a prática clínica, não raro conduzindo a um entrincheiramento narcísico. Precisamos do Outro, não se pode ser analista só no consultório. Ali é um espaço onde somos convidados a nos reservarmos. O espaço para criar, no qual podemos trocar nossas impressões, nossas angústias, compartilhar nossos dilemas e toda essa gama de sentimentos represados em nossa prática clínica, é a instituição.

A sugestão de Winnicott (1975) de que os paradoxos possam ser aceitos, tolerados e respeitados, e não resolvidos, pode ser aplicada também ao processo de formação, em que o próprio do ofício do psicanalista, como devir permanente, não se restringe aos anos em que passamos até ingressarmos na sociedade, mas que tangencia todo nosso percurso.

Ogden ressalta que é no processo dialético que se encontra envolvida a criação da subjetividade. É no curso da diferenciação que podemos reconhecer o surgimento do sujeito. A conquista da consciência, ou seja, do sentimento de si, decorre da conquista da subjetividade, entendida como

um discreto senso de individualidade, pelo qual a experiência é sutilmente dotada da qualidade de que se está pensando os próprios pensamentos e

sentindo-se os próprios sentimentos, em oposição a viver-se em um estado de reatividade reflexiva. (1995, p. 82)

O espaço potencial corresponde à ideia de um “vir a ser”, um espaço psíquico que enseja toda experiência criativa e transformadora do bebê, e é nele que os processos criadores e o jogo se articulam, sendo o lugar por excelência das experiências individuais da pessoa no meio que se lhe impõe (Winnicott, 1975).

Penso que é nas discussões, na abertura para as diferenças e a multiplicação das ideias, que se constrói a identidade do analista, sua força criativa, de maneira a apropriar-se das heranças recebidas em seu percurso.

A hipocrisia profissional dominante, que Ferenczi denuncia entre os praticantes, exige a modificação da formação psicanalítica. A análise deve ser simultaneamente terapêutica e didática: “O melhor analista é o paciente curado. Todos os outros alunos devem primeiro ficar doentes, depois curados e advertidos” (1932/1990, p. 223).

A identidade de um analista não se constrói com base em um conjunto de princípios que avalizam uma prática, mas é um processo vivo que tem sua origem na personalidade e na experiência do analista. É ela que pode ser fundadora do sentimento de pertencimento. O desafio institucional está em sua capacidade de criar uma maior horizontalidade nas relações, bem como a liberdade necessária para se exercer a psicanálise. E, dessa forma, quem sabe a receptividade de Ferenczi nos institutos possa passar por essa emancipação da criança perante os excessos autoritários dos adultos?

Ferenczi: piensa el dolor de la formación

Resumen: Este artículo se basa en la experiencia personal de la autora para situar la repercusión de Ferenczi en los institutos de psicoanálisis. Se destaca la importancia que el autor húngaro otorgó al análisis personal del analista. La autora también propone el trabajo en grupo, con colegas en asociaciones, como un promotor de un potencial cuarto eje para la formación.

Palabras clave: formación analítica, autoritarismo, cuarto eje, ética del analista

Ferenczi: thinks about the pain of training

Abstract: This article is based on the author's personal experience to situate Ferenczi's impact in psychoanalysis institutes. She emphasizes the prevalence that the Hungarian author gave to the analyst's personal analysis. She also proposes group work, with colleagues in associations, as a facilitator of a fourth potential axis for training.

Keywords: analytical training, authoritarianism, fourth axis, analyst's ethics

Referências

- Campos, M. (2009). Um quarto eixo potencial para a formação. In D. Bistrinsky, *Construções I. ABC*.
- Freud, S. (1974). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 16-81). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1976). Dr. Sándor Ferenczi (Em seu 50º aniversário). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 333-336). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferenczi, S. (2011a). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Vol. 4, pp. 79-95). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2011b). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 111-121). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Ferenczi, S. (2011c). A elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas*. (Vol. 4, pp. 29-42). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011d). Pedagogia e psicanálise. In S. Ferenczi, *Obras completas*. (Vol. 1, pp. 39-44). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908)
- Ferenczi, S. (2011e). O problema do fim da análise. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Vol. 4, pp. 17-27). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927)
- Ferenczi, S. (2011f). O processo da formação psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas*. (Vol. 4, pp. 237-243). (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011g). A história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Obras completas*. (Vol. 1, pp. 167-177). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)
- Figueiredo, L. C. (2021). A formação da mente do psicanalista: considerações a partir de Ferenczi e Bion. *Sig: Revista de Psicanálise*, 10(18), 25-30.
- Goethe, J. (2014). *Os sofrimentos do jovem Werther*. Globo. (Trabalho original publicado em 1774)

Maria Nilza Mendes Campos

- Kupermann, D. (1996). *Transferências cruzadas. Uma história da psicanálise e suas instituições*. Revan.
- Moreau Ricaud, M. (2004). La question de la formation analytique: trois apports essentiels de l'École de Budapest. *Le Coq-héron*, 178, 112-121. <https://doi.org/10.3917/cohe.178.0112>
- Ogden, T. (1995). Sobre o espaço potencial. In T. Ogden, *Táticas e técnicas psicanalíticas*. Artes Médicas.
- Ogden, T. (2023). Tornar-se psicanalista. In T. Ogden, *Recuperando a vida não vivida. Experiências em psicanálise*. Escuta.
- Palhares, M. C. (2023). *Cálice: analistas silenciados*. No prelo.
- Soroka, P. (2001). O dito e o não-dito. Estruturas secretas e ideologias nas instituições psicanalíticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35(4), 1061-1078.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.

Maria Nilza Mendes Campos
marianilza.campos@gmail.com